

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO DE DESPORTOS – CDS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

RODOLFO CRUZ

PERFIL DE CONDUTA DOS TREINADORES DE FUTEBOL AMADOR
DA 1º DIVISÃO DE FLORIANÓPOLIS

FLORIANÓPOLIS/SC

JULHO DE 2011

RODOLFO CRUZ

**PERFIL DE CONDUTA DOS TREINADORES DE FUTEBOL
AMADOR DA 1º DIVISÃO DE FLORIANÓPOLIS**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Licenciatura em Educação Física da
Universidade Federal de Santa Catarina.
Professor Orientador: Carlos Luiz Cardoso
Co-orientador: Lucas Barreto Klein

FLORIANÓPOLIS/SC

JULHO DE 2011

RODOLFO CRUZ

PERFIL DE CONDUTA DOS TREINADORES DE FUTEBOL AMADOR DA 1º
DIVISÃO DE FLORIANÓPOLIS

Monografia apresentada como pré-requisito para
obtenção do título de Licenciado em Educação
Física da Universidade Federal de Santa Catarina,
submetida à aprovação da banca examinadora
composta pelos seguintes membros:

Prof Carlos Luiz Cardoso

Prof João Carlos Amarante

Prof Valmir José Oléias

FLORIANÓPOLIS/SC
JULHO DE 2011

Dedico este trabalho a todos meus atletas do clube Paula Ramos Junior, em especial da categoria sub-17, a qual sou treinador e me inspirei a realizar esta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer ao meu orientador Carlos Luiz Cardoso e ao meu co-orientador Lucas Barreto Klein, pois foram de suma importância para a formulação desta pesquisa.

Agradeço aos meus familiares, em especial aos meus pais Ana Maria Martins Cruz e José Carlos Cruz, pelo apoio nas horas difíceis que passei na universidade e sempre estiveram ao meu lado me incentivando.

Agradeço aos treinadores dos clubes da primeira divisão do futebol amador de Florianópolis que disponibilizaram seu tempo para dar as informações necessárias para a conclusão deste trabalho.

Agradeço aos meus amigos que tiveram paciência comigo nas horas de stress e me ajudaram a descontraír e nunca perder o foco, em especial aos meus amigos de infância Diego Oliveira, Leon Soares, Leandro França, Diego Marinho e Juan Silveira. Aos meus amigos do ensino médio Rodrigo Rothbarth, Jucemar Monteiro, Douglas Machado, Luciano Martin, Bruno Volkov e Kamila Vieira.

Agradeço ao clube Paula Ramos Junior do futebol amador de Florianópolis, que abriu suas portas para eu treinar seus atletas e então com meu trabalho na equipe me inspirei a realizar esta pesquisa. Em especial ao coordenador da escolinha Jucelino João Vieira.

Por último quero agradecer aos meus atletas da escolinha de futebol que tiveram paciência comigo nas horas difíceis e me apoiaram no meu trabalho desde o começo.

RESUMO

Após trabalhar cinco anos com o futebol amador em Florianópolis, resolvi realizar uma pesquisa sobre este tema que movimenta as comunidades desta cidade. Este trabalho tem como objetivo verificar qual é o perfil de conduta dos treinadores de futebol amador da primeira divisão de Florianópolis. Foi analisado o grau de dedicação dos treinadores, como eles conduzem sua equipe dentro e fora de campo. Para esta pesquisa realiza-se uma coleta de dados utilizando entrevistas semi-estruturadas com os treinadores. Após a coleta de dados foi verificado que os treinadores se dedicam a esta função por paixão e que apesar das suas diferenças singulares de treinador para treinador, existem muitas características em comum, que todos ou a grande maioria compartilha.

Palavras chave: futebol amador, treinador, perfil.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1. Problematização	8
1.2. Justificativa	9
1.3. Objetivos.....	10
1.3.1. Objetivo geral.....	10
1.3.2. Objetivos específicos.....	10
2. Abordagem Metodológica	11
2.1. Coleta de dados.....	11
2.2. Instrumentos utilizados	12
2.3. Análise dos dados.....	12
3. ABORDAGEM TEÓRICA	13
3.1. Histórico.....	13
3.2. O futebol amador em Florianópolis.....	16
3.3. O treinador.....	18
3.4. Perfil e Conduta	20
4. ANÁLISE DOS DADOS	24
4.1. Primeiro contato dos treinadores com o futebol amador de Florianópolis.....	24
4.2. Condução da equipe no decorrer dos jogos	27
4.3. O envolvimento dos treinadores no dia-a-dia dos atletas.	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
6. REFERÊNCIAS	35
7. APÊNDICE	38

1. INTRODUÇÃO

1.1. Problematização

Inserido na cultura brasileira, o futebol é o esporte mais popular do nosso país, sendo praticado por crianças, jovens, adultos, idosos, deficientes físicos e mentais. Praticamente todos os habitantes do nosso país tem seu clube de preferência, onde procuram acompanhar os resultados nas competições nacionais e internacionais. Quem não para na frente da televisão para assistir um jogo de futebol?

De fato, o futebol é o principal esporte praticado no Brasil e seu estilo de jogo é referência no mundo todo. Os principais jogadores brasileiros são ídolos em todas as partes do planeta, sendo seus passes¹ disputados por equipes de vários países (DAOLIO, 1998). Seguindo o seu pensamento, analisamos que o Brasil é uma referência internacional se tratando de futebol e que seus jogadores são procurados por equipes de outros países. Os melhores jogadores são disputados pelas equipes mais famosas do mundo e seus contratos são milionários, outros são negociados por salários muito altos comparados aos do Brasil e a grande maioria fica no país disputando as competições nacionais. Porém muitos atletas não conseguem chegar ao profissionalismo no futebol por falta de oportunidade, por causa de contusões entre outros motivos e acabam jogando nas ligas amadoras espalhadas pelo país.

Hoje em dia as ligas amadoras são bem organizadas, os clubes são bem estruturados, realizando treinos durante a semana para as competições. Alguns clubes possuem uma estrutura diferenciada, onde conseguem recursos para efetuar a remuneração dos seus atletas, levando a questão se as ligas

¹ Valor de mercado dos atletas

amadoras são realmente amadoras atualmente. Há clubes que possuem escolinhas de base e também projetos de caráter social, que um dos principais objetivos é formar jogadores e assim melhorar o plantel do time principal ao longo dos anos. Porém um fator importante na composição da equipe é o treinador, pois o modo como ele conduz a equipe pode levá-la ao fracasso ou ao sucesso.

A eficácia da instrução de um treinador de futebol requer a aplicação de competências que vão do planejamento e organização da aprendizagem até a apresentação da informação de instrução e feedback (HODGES e FRANKS, 2002).

Sendo o treinador uma peça de suma importância para a equipe e formação do atleta e as ligas amadoras um lugar onde muitos jogadores atuam, dirigimos a pesquisa à seguinte pergunta: **Qual o perfil de conduta dos treinadores da primeira divisão do futebol amador de Florianópolis?**

1.2. Justificativa

Abordamos esse assunto, pois ao trabalhar numa escolinha de futebol amador por cinco anos, observei nesse meio que o estilo de como o treinador comanda sua equipe é diferente de um para outro e muitas vezes um erro do treinador pode comprometer o resultado da partida para a equipe.

Em Florianópolis, a maioria dos clubes de futebol amador possuem um treinador que se dedica a equipe pela sua própria força de vontade, pois não recebe remuneração para estar no cargo, tendo que trabalhar para conseguir se sustentar financeiramente além de doar seu tempo para treinar um clube, sendo assim o treinador aplica sua visão de jogo e estilo de conduzir a equipe, muitas vezes, sem ter o conhecimento técnico e não sabendo lidar com as consequências das suas ações.

O modo como os jogadores percebem as expectativas, as avaliações e os comportamentos diferenciados do treinador vão por sua vez influenciar as suas próprias expectativas, níveis de motivação e empenho, que tendem deste modo, a ser puxadas em direção à conformação com o vaticínio do treinador (GRAÇA, 2007).

Assim o objetivo dessa pesquisa é analisar o perfil de conduta dos treinadores do futebol amador da primeira divisão de Florianópolis.

As pesquisas realizadas atualmente sobre o futebol amador em Florianópolis não contemplam o tema abordado nesta pesquisa, sendo assim, esse trabalho atingirá uma lacuna na literatura, que são pesquisas acerca do futebol amador.

1.3. Objetivos

1.3.1. Objetivo geral

O objetivo geral deste estudo é verificar o perfil de conduta dos treinadores da primeira divisão do futebol amador de Florianópolis.

1.3.2. Objetivos específicos

- Verificar o grau de dedicação dos treinadores.
- Verificar o modo como os treinadores conduzem sua equipe no jogo.
- Verificar como o treinador conduz sua equipe fora do jogo.

2. ABORDAGEM METODOLÓGICA

2.1. Coleta de dados

Após realizar a revisão de literatura do trabalho em questão, nos deparamos com a dificuldade em encontrar pesquisas realizadas sobre o problema levantado, sendo assim caracterizamos essa pesquisa como sendo uma pesquisa exploratória, pois segundo Gonçalves (2007), a pesquisa exploratória é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de idéias, com objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado. Esse tipo de pesquisa também é denominada “pesquisa de base”, pois oferece dados elementares que dão suporte para a realização de estudos mais aprofundados sobre o tema.

Neste estudo realizou-se uma “pesquisa de campo” para verificar qual o perfil de conduta dos treinadores da primeira divisão do futebol amador de Florianópolis e segundo Tobar (2001), pesquisa de campo é a pesquisa empírica realizada no lugar onde ocorre um fenômeno e dispõe-se de elementos para explicá-lo. É orientada para a recopilação de dados sobre problemas pontuais. São pesquisas de campo todas aquelas centradas em entrevistas, pesquisas ou observações diretas.

Em suma, com essa caracterização, verificamos que a natureza dos dados será qualitativa, pois utilizou-se entrevistas para coletar os dados. O referencial teórico utilizado na pesquisa já me indica qual a natureza dos dados que serão coletados, pois cada base teórica já tende a uma natureza (TRIVIÑOS, 2001).

2.2. Instrumentos utilizados

Na pesquisa de campo para este projeto utilizamos como instrumento de coleta de dados a entrevista.

Foram realizadas entrevistas semi-abertas ou semi-estruturadas com os pesquisados para que eles pudessem expressar como eles trabalham em campo e fora dele. Segundo Ludke e André (1986), a entrevista semi-estruturada se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações ao longo da entrevista.

Em relação a mostra e população, as entrevistas foram aplicadas com os treinadores dos clubes da primeira divisão do futebol amador de Florianópolis em 2011, sendo que o não foi consultado o treinador de um dos clubes por não conseguirmos entrar em contato com o mesmo, totalizando nove entrevistas entre os dez clubes. Assim, segundo Triviños (2001), a população é um conjunto de pessoas, objetos ou coisas a participarem da pesquisa, no caso os clubes profissionais de futebol e a amostra seria uma parcela da população, logo, a amostra são os treinadores dos clubes de futebol amador da primeira divisão de Florianópolis.

2.3. Análise dos dados

Para a análise dos dados, seguimos o modelo proposto por Laville e Dionne (1999), que sugere o Modelo de Análise Misto, onde são propostas as categorias que serão interpretadas inicialmente, porém se ao longo da pesquisa surgirem outras categorias relevantes, essas podem ser incluídas no trabalho.

Para a análise dos dados, de acordo com Laville e Dionne (1999), existem 3 tipos de estratégias: Emparelhamento, Análise Histórica e Construção de uma Explicação. Para essa pesquisa utilizamos o Emparelhamento, pois comparamos os dados coletados com o referencial teórico proposto, para chegar a uma conclusão da pesquisa.

3. ABORDAGEM TEÓRICA

Partindo do problema levantado, realizamos um estudo sobre isso, sendo assim, começamos por redigir uma parte da história que compõe este esporte tão visado mundialmente que é o futebol de campo.

3.1. Histórico

Existem algumas vertentes que tentam explicar a origem do futebol, onde foi criado e como foi se modificando ao longo dos séculos até se tornar o esporte que conhecemos atualmente.

Os primeiros indícios de um jogo praticado parecido com o futebol era praticado na China em torno de 2600 a.C chamado “tsü tsü”, onde após acabar uma batalha, cortava-se a cabeça do líder adversário ou de seus melhores soldados mortos e jogava-se um jogo chutando essas cabeças. Após isso existe relato do “cálcio”, jogo similar ao futebol jogado na Itália que no século XVII foi levado a Inglaterra pelos partidários de Carlos II que foram exilados da Itália. Ele foi modificado e ficou conhecido como “mob football”. O “mob football” era um jogo popular, entretanto a elite burguesa não queria jogar um jogo que fosse popular, assim os jovens burgueses modificaram o “mob football” e criaram um jogo diferenciado, jogado pela elite, o futebol (AIDAR et al, 2000).

Dizem que “quando o futebol sai do campo do lazer para virar um jogo com vida e fins próprio, surgem regras, seus reguladores e toda aquela burocracia natural de atividades que envolvem mais de uma pessoa” (AIDAR et al, 2000).

Porém, outras vertentes apontam que jogos parecidos com o futebol eram jogados pelos povos da América Central em 1500 a.C.

Outro jogo chamado “cju” na China por volta de 206 a.C na dinastia dos Han, onde as regras eram muito semelhantes com a do futebol atual. (GLULIANOTTI, 2002).

Sendo assim, não se sabe ao certo qual a verdadeira origem do futebol, porém o que se pode dizer é que o jogo atual foi sistematizado na Inglaterra em 1848 e levado para os demais países como um jogo da elite burguesa.

Segundo Caldas (1994), o futebol foi introduzido no Brasil por Charles W. Miller, brasileiro filho de ingleses, que aos dez anos de idade viajou até a Inglaterra para estudar e em 1894, ao retornar ao Brasil, trouxe consigo uma bola de “football”, e começou a difundir o esporte entre os ingleses moradores em São Paulo. Charles se associou ao “São Paulo Athletic Club”, que tinha sido criado para a prática do cricket, e passou a mostrar o futebol para seus associados, que seriam altos funcionários ingleses da “Companhia de Gás”, do “Banco de Londres” e da “São Paulo Railway”.

Outros europeus trouxeram ao Brasil a prática esportiva para aproveitamento das horas livres e Hans Nobiling, nascido em Hamburgo na Alemanha, foi um dos mais importantes na questão do futebol, pois em 1897 chegou ao Brasil e fundou um clube, o “Germânia Hamburgo”, equipe com o mesmo nome do clube em que jogava em Hamburgo (ROSENFELD, 1993). Nesse time jogavam os jovens funcionários do comércio, rompendo com o “monopólio” do “São Paulo Athletic Club” e dos ingleses, pois esse time havia a presença de brasileiros. Em 1899 aconteceu o primeiro “grande” jogo entre equipes, “São Paulo Athletic Club” versus “Germânia Hamburgo”, que acabou em 1x0 para os ingleses do “São Paulo Athletic Club”.

Com isso, o futebol foi introduzido no Brasil e começou a ser jogado pelos trabalhadores de altos cargos das fábricas e pessoas que podiam se associar a clubes para realizar a prática deste esporte, porém em 1904, ocorreu um fato marcante, a criação do “The Bangu Athletic Club”, uma equipe formada por operários da fábrica Cia. Progresso Industrial e possuía o apoio da fábrica na prática do esporte, pois ela cedeu uniformes, um campo para a prática do futebol e apoiou o clube em suas viagens para jogos, etc. Os donos das fábricas deram esse total apoio ao time, porque para eles a vinculação da

imagem do clube a empresa rendia lucros e fazia com que a marca da mesma entrasse em ascensão. Assim o Bangu rapidamente começou a disputar o campeonato principal do Rio de Janeiro e a Cia. Progresso Industrial ficou conhecida como Fábrica Bangu (ANTUNES, 1994).

Outro fator importante a ser considerado na difusão do futebol no Brasil é que as crianças do subúrbio que não estudavam nem trabalhavam, começaram a ver os jogadores treinarem nos clubes, nas fábricas, e os alunos das escolas jogarem como prática esportiva e começaram a treinar o futebol, jogando as famosas “peladas” em campos de várzea, montando equipes entre os adolescentes e criando uma técnica muito apurada (ROSENFELD, 1993).

Isso tudo foi o início da difusão do futebol para as massas no Brasil, pois assim outras fábricas começaram a selecionar jogadores entre os operários para montar suas equipes e conseguir uma melhor visibilidade para suas respectivas marcas, além de que o espaço para a prática do futebol no tempo livre dos trabalhadores melhorava a produtividade dos mesmos nas indústrias. Com isso o futebol foi se difundindo entre o Brasil e começaram a ser criadas as Ligas Regionais e o futebol começou sua luta pela profissionalização do esporte no Brasil.

Enquanto isso, em Santa Catarina o Futebol ainda estava em desenvolvimento. Não existiam clubes oficiais de futebol, a modalidade era disputada por clubes que eram especializados em outros esportes, como atletismo, tiro e natação.

A partir de 1924, se observou a necessidade da criação de um órgão que regesse pelos esportes praticados por esses clubes, assim no dia 12 de abril de 1924, foi criada a Liga Santa Catharina de Desportos Terrestres, onde ela iria organizar as competições de atletismo, tiro ao alvo e futebol. A Liga se filiou a Confederação Brasileira de Desportos e assim começou o ciclo de competições estaduais de futebol.

Nos três primeiros anos o campeonato somente foi disputado por clubes da capital, porém em 1927, a Liga Santa Catharina de Desportos Terrestres foi substituída pela Federação Catarinense de Desportos, que teve uma ampliação e começou a atender o estado por inteiro.

Com o passar do tempo, as modalidades que eram regidas pela Federação Catarinense de Desportos começaram a se aprimorar e houve a necessidade de criar suas próprias federações, assim restou a Federação Catarinense de Desportos o controle sobre o futebol no estado que fez com que ela fosse substituída pela Federação Catarinense de Futebol em 1951.

Com a criação da Federação Catarinense de Futebol (FCF), foi incentivada a criação de ligas de futebol pelo estado, que seriam filiadas a FCF, para que mais clubes surgissem e disputassem os campeonatos oficiais do estado.

3.2. O futebol amador em Florianópolis

Para começarmos a falar sobre o futebol amador em Florianópolis, temos que saber a diferença entre o futebol amador e o profissional. Segundo Ouriques (2010), o amadorismo e profissionalismo são expressões cotidianamente associadas ao esporte. A primeira assume, no senso comum, um vínculo relacionado à prática esportiva sem fins lucrativos, sem ganhos pessoais sejam eles diretos ou indiretos, enquanto a segunda adquire justamente a configuração oposta. Ou seja, o esporte profissional tem como característica principal o contrato, entre clube e atleta e a remuneração do atleta pelos serviços prestados ao clube, entretanto o esporte amador tem como característica, a não remuneração dos atletas. Esses praticam e disputam as competições por vontade própria, sem nenhum ganho por isso.

O futebol amador de Florianópolis sofre com o “falso amadorismo” criado, ou seja, esta prática esportiva que deveria ter ênfase na construção de competições onde a comunidade de um bairro se organizaria para formar uma equipe e disputar um torneio municipal tornou-se um mercado de atletas onde o clube que oferecer mais fica com os melhores jogadores. Não podendo esquecer que a maioria dos clubes do futebol amador em Florianópolis, não possui verbas para remuneração de atletas (que com essa remuneração deixa de ser amador e se torna profissional), e que ainda persistem na valorização dos jogadores do próprio bairro ou formados nas suas escolinhas de base para a elaboração de suas equipes.

A formalização do futebol amador em Florianópolis aconteceu quando a Liga Florianopolitana de Futebol (LIFF) foi criada, em 21/06/1996, após a transferência da sede da Federação Catarinense de Futebol de Florianópolis para Balneário Camboriú. O futebol amador em Florianópolis a partir desta data passou a ser organizado pela LIFF e esta teve a adesão, em sua reunião de fundação, dos representantes dos seguintes clubes da cidade: Ajax FC, Grêmio Esportivo Costeira, Figueirense FC, Canto do Rio FC, Bandeirante RFC, EC Atlântico, Portuguesa de Desportos, SER Campinas, EC Fernando Raulino, EC Corinthians, ARCE Avante, C. Atlético Catarinense e Avaí FC.

Assim a LIFF passou a organizar os campeonatos municipais de futebol não profissional em 1997, nas categorias adulto, juvenil e infantil.

Atualmente a LIFF conta com 37 clubes filiados divididos em 3 divisões na categoria adulto, e uma divisão nas categorias juniores, juvenil e infantil, além do que a LIFF organiza a Copa Floripa adulto e juniores, onde todos os clubes filiados a LIFF podem participar, sendo esta uma competição de eliminatória simples entre os participantes.

Os clubes na LIFF, no campeonato municipal adulto no ano de 2011, por divisão são:

- 3ª divisão: Grêmio Estudantil, River FC, ACES Floripa FC, ARCEC Zaire, ASCD Triunfo, EC Fernando Raulino, TV Canto da Lagoa, Instituto Lagoa Social, Jurerê FC, SER Campinas e ASCA Santa Cruz.
- 2ª divisão: AA Ponta das Canas, Cruz de Malta, ABRCS Vila, ADRC Cachoeira, ARCEC Flamengo, ARC Lagoa, Mar EC, Pântano do Sul EC, Santa Cruz EC, SEC Florianópolis.
- 1ª divisão: ARCE Avante, ARCE Bangu, Bandeirante RFC, Barrense FC, C. Atlético Catarinense, Grêmio Cachoeira, Náutico FC, Paula Ramos Jr. FC, SE Palmeiras, SER AUPE/Botafogo.

Alguns clubes filiados podem optar por não disputar o campeonato municipal adulto no ano, assim no ano seguinte podem disputar a competição, porém devem ser inscritos na 3ª divisão.

Os resultados do campeonato adulto da 1ª divisão da LIFF em 2010 foram: 1º colocado ARCE Avante, 2º colocado Grêmio EC, 3º colocado SE Palmeiras e 4º colocado Paula Ramos Jr. FC, 5º colocado Bandeirante RFC, 6º

colocado ARCE Bangu, 7º colocado Barrense FC, 8º colocado SER AUPE/Botafogo e 9º colocado Cruz de Malta.

Podemos ver que o futebol amador em Florianópolis é bem organizado e segue a lógica do futebol de alto rendimento, onde a federação possui um total controle sobre os clubes e as competições, porém essa organização é recente e percebemos como cresceu com a quantidade de adesões dos clubes da capital em 15 anos desde a fundação da LIFF. Cada dia que passa os campeonatos ficam mais organizados e a LIFF consegue parcerias como a disponibilização de uma clínica de fisioterapia para os atletas lesionados na competição em 2011. Assim, é fácil observar as diferenças entre o futebol amador de antigamente e o atual.

Também verificamos que com a atual organização do futebol amador em Florianópolis, ele deixa de ser amador e vai se tornando uma espécie de “futebol amador profissional não profissional”.

3.3. O treinador

Um treinador hoje em dia tem que ser versátil, sabendo lidar com o dia-a-dia da equipe, conhecendo um pouco de cada parte do clube para assim ter um melhor desenvolvimento das suas habilidades dentro do campo. Porém devo saber o que é ser um treinador.

Rosado e Mesquita (2009) dizem que o treinador é um elemento chave para o sucesso de uma equipe. Ele que é responsável pelo desenvolvimento do clube num todo, tanto dos jogadores como dos esquemas da equipe. O treinador deve aperfeiçoar o desempenho da equipe para obter bons resultados. Todavia a classe dos treinadores não recebe a atenção necessária na sua formação e os clubes em sua maioria não conseguem valorizar o trabalho deles como deveriam. Assim custo benefício de exercer a sua atividade acaba não valendo à pena.

Com isso, vimos que o treinador é fundamental para consolidar uma equipe, ele é a peça chave para levar o time à vitória e não deve cometer erros, qualquer deslize pode levar as ruínas tudo que foi construído durante um ano inteiro. Porém, muitas vezes a equipe não dá importância nem a atenção

necessária ao treinador, para que ele desenvolva seu trabalho de forma adequada e consiga atingir seus objetivos que são os mesmos do clube.

Além do que, não é estabelecido um padrão para a sua formação. Segundo Humberto Perez (2009), que realizou um estudo da formação dos treinadores em diferentes países, ele afirma que em Portugal, França e Argentina, existem escolas ou associações que fornecem cursos de treinadores, divididos em níveis: treinador de futebol amador, categorias de base e profissional e que para exercer a função nesses países é necessário realizar esses cursos. Para poder treinar uma equipe que participe de qualquer competição realizada pela UEFA (União das Federações Europeias de Futebol), é obrigatório a realização dos cursos que a própria entidade fornece. Porém no Brasil, o único item que é necessário para se tornar um treinador de futebol profissional é a graduação em curso de Educação Física. Ainda assim, existem algumas escolas de ensino para treinadores no nosso país como o Instituto Wanderley Luxemburgo ou a Associação Brasileira de Treinadores de Futebol. Com isso, verificamos que a exigência de conhecimento científico específico dos treinadores brasileiros para poderem exercer sua função é baixíssimo, fazendo com que ele dependa muito do seu conhecimento adquirido durante suas experiências com o futebol e muitas vezes sendo essa uma forma ultrapassada de realizar sessões de treinamento para o desenvolvimento dos atletas, prejudicando o desempenho das equipes e não conseguindo alcançar seus objetivos.

Podemos ver que a profissão treinador de futebol ou treinador num modo geral está cada vez tendo que evoluir juntamente com o esporte para se adaptar as dificuldades que surgem no caminho da equipe e superá-las da melhor forma possível. Entretanto, Rosado e Mesquita (2009) colocam que a atividade do treinador atualmente está dividida em duas partes, a arte prática e a ciência aplicada. A arte prática é entendida como o fruto de um aprendizado feito de experiência acumulada nos meandros do treino e da competição, um aprendizado de observação de treinadores, de imitação e reprodução de modelos, de aplicação de receitas, truques e manhas do ofício, de superstições, de apostas por intuição e ensaio e erro. Já a ciência aplicada, é a atividade do treinador vista primordialmente como fruto de uma formação

acadêmica superior que transmite um corpo de conhecimento fundamentado nas ciências do esporte.

Assim, percebemos que o treinador atual não pode depender somente da sua experiência no esporte para comandar a sua equipe, isso não é suficiente, além de poder ser um conhecimento ultrapassado, pode acabar prejudicando o clube. Ele deve ter o embasamento científico, para constantemente evoluir junto com a modalidade e com os métodos de treinamento, aperfeiçoando os já conhecidos e produzindo novos modos de treino para otimizar seu potencial juntamente com o da equipe, obtendo resultados positivos.

O treinador também é tratado como um educador no futebol, pois ele tem o dever de ensinar aos seus atletas não somente o ofício do esporte, mas deve agir como agente na transformação pessoal dos mesmos. O educador tem que compreender a realidade que vive, ter comprometimento político nas suas ações, ter conhecimento no campo científico em que trabalha (no caso do treinador de futebol, conhecimentos técnicos da área), deve ter habilidades para aprimorar o conhecimento dos seus alunos (atletas) e ter a “arte de ensinar”, ou seja, a paixão pelo que faz, não adianta trabalhar em algo que não gosta, pois assim, não terá satisfação no que faz e não poderá passar aos seus alunos tudo que poderia. A vontade de ensinar é primordial para um educador (LUCKESI, 2005).

Logo, podemos dizer que o treinador, além de seu caráter técnico, deve estar atento as mudanças da sociedade ao seu redor, pois isso modifica o esporte e ele deve acompanhar as mudanças. Além do que, ele deve agir como um educador para poder desenvolver ao máximo a capacidade de seus atletas, tanto as habilidades no esporte como culturalmente.

3.4. Perfil e Conduta

Para começar a falar de perfil e conduta, necessitamos saber qual o significado de cada uma dessas palavras. Perfil é a descrição ou relato em que se faz a traços rápidos o retrato moral e físico de uma pessoa. Conduta

significa manifestação de alguém se conduzir, se comportar, comportamento: aluno de conduta exemplar.

O perfil de um treinador está diretamente ligado com a conduta que o mesmo segue. Se um treinador seguir determinado modo de conduta, ele terá um tipo de perfil, logo, se ele seguir uma conduta diferente, o seu perfil mudará juntamente. O perfil está interligado ao modo de conduta.

O treinador atualmente tem uma necessidade de estar atento a várias coisas. Ele precisa ver o que acontece com o elenco ao seu redor. Precisa saber quais jogadores podem ser negociados, acompanhar o mercado para saber as possibilidades e procurar informações sobre atletas emprestados a outras equipe. Eles podem se desenvolver e podem ser grande reforços (FRANCO apud DARIO, 2008).

Quer dizer, não adianta mais o treinador ser apenas um excelente estrategista em campo, saber utilizar seus jogadores, ter uma ótima leitura de jogo para poder montar táticas para chegar a meta adversária e ganhar a partida. Fatores extra campo como problemas pessoais dele ou dos jogadores, condições da estrutura do clube, investimentos da equipe para a montagem do plantel, mercado de atletas etc, podem comprometer o desempenho da sua equipe e ele deve estar atento a todas essas mudanças que ocorrem no mundo que podem afetar e alterar a forma como se deve tratar o futebol.

O futebol atualmente procura um treinador que seja dinâmico, entenda dos conceitos de dentro do campo e os fora dele. Ele não quer um treinador que fique estagnado no tempo, não se atualize e conte somente com a experiência adquirida ao longo dos anos como jogador. Isto não é mais suficiente para mantê-lo na equipe. O treinador atual deve ter conhecimento em diversas áreas e esse deve ter um embasamento científico e não somente depender do senso comum e do “achismo”.

“O treinador de futebol precisa não só ser capaz de dialogar com as várias áreas profissionais que o cercam (o que já é um grande avanço no perfil de um treinador). É necessário para atuar no futebol moderno, que o treinador conheça bem, e muito, de diversas coisas que cercam a complexidade desse desporto e que, ao mesmo tempo, seja altamente especializado em questões inerentes a especificidade de sua função” (LEITÃO, 2008).

Ou seja, o treinador atual, deve ser altamente qualificado na sua função de comandar a equipe dentro de campo, montando os esquemas táticos e suas estratégias, tendo uma boa leitura de jogo e sabendo utilizar seus jogadores, porém ele deve ter um conhecimento geral na parte administrativa do clube, entender de fisiologia, nutrição entre outras áreas que estão interligadas com a preparação dos atletas para assim melhorar seus treinamentos e não atrapalhar o desenvolvimento geral dos atletas, pelo contrário, ele deve fazer com que seus atletas consigam atingir o máximo de desempenho possível para poder alcançar o objetivo maior de qualquer equipe de futebol que entra em uma competição ou partida, sair vitoriosa.

Segundo Miguel Crespo (2005) apud Cesar Coutinho (2008), atualmente os treinadores tem de ter conhecimento em diversas áreas do treino como: conhecimento do jogo, saber jogar a determinado nível, prevenção de lesões, gestão de risco, desenvolvimento, aprendizagem e crescimento humano, treino, preparação física e nutrição, aspectos sociais e psicológicos do treino e da competição, técnica, tática e estratégia, administração e gestão, preparação pessoal e promocional (marketing, relações públicas e etc.).

Mais uma vez nos deparamos com a necessidade do dinamismo que o técnico atualmente necessita ter para comandar sua equipe. Ele deve ter um conhecimento básico de todas as áreas que o clube possui, para assim poder dialogar com todos os departamentos do clube e maximizar os resultados obtidos.

Graça (1998) coloca que o treinador tem que capacitar seus atletas a cada vez mais pensarem sozinhos no campo, conseguirem ter uma leitura de jogo melhor e aprendam com os erros cometidos, para deixar de depender do treinador e conseguirem resolver problemas que surgem dentro dos jogos. Isso não tira o dever do treinador de intervir nos treinos e sim coloca que ele tem que ajudar seus atletas a pensarem por si só, questionando-os sobre as situações problemáticas e auxiliando na solução das mesmas, sempre fazendo com que os jogadores ajudem na construção dessa solução.

Com isso podemos ver que o técnico de futebol atualmente necessita ter um perfil altamente dinâmico, conseguindo lidar com diversas funções no seu dia-a-dia que não eram suas no passado, porém agora ele precisa ter um conhecimento básico para poder ligar isso a sua maneira de comandar a

equipe dentro e fora dos gramados, tanto no jogo como nos treinos e conseguir que seus atletas sejam autônomos e dependam cada vez menos de suas orientações durante as partidas.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Com as entrevistas em mãos, podemos realizar a análise dos dados coletados e assim dividi-los em três categorias.

4.1. Primeiro contato dos treinadores com o futebol amador de Florianópolis

Com a análise das entrevistas podemos encontrar parâmetros que se assemelham entre os treinadores dos clubes de futebol amador da primeira divisão de Florianópolis.

A grande maioria dos treinadores entrevistados sempre esteve em contato com o futebol desde criança, praticando o esporte na comunidade onde residiam. Quando se tornaram adultos, eram convidados a participar da equipe da sua comunidade como atletas e iniciavam assim sua interação com o futebol amador.

Nesse meio tempo como atletas, esses treinadores também trabalhavam para, de alguma forma, ajudar a equipe a se sustentar. Um verdadeiro trabalho em comunidade com os demais integrantes. Um dos entrevistados mostrou bem isso dizendo *“como eu tinha ali a lanchonete que tinha muitos clientes, uma vez me pediram para vender uma rifa. Eu vendi quase cem números ali para eles. Para a moto que eles ganhavam da CESANI, que era do Norte da Ilha e dava uma moto para cada clube”*. Ou seja, eles realmente se envolviam com a comunidade, com o clube e com seus integrantes, formando amigos e uma verdadeira família.

A outra parte dos treinadores começou a se envolver com o futebol amador através do convite de amigos que já estavam no meio e lhe chamavam para participar da diretoria das equipes e ajudar na administração das mesmas.

Esses treinadores que atuam na diretoria da equipe encontram dificuldades em manter as duas funções, pois além da sua preocupação em comandar a equipe, montar esquemas táticos, conversar com os jogadores etc., ainda tem que auxiliar na administração do clube, encontrando formas de sustentá-lo, representando a entidade quando necessário e realizando o trabalho burocrático para a inscrição da equipe e dos atletas nas competições.

Leitão (2008) retrata essa relação do treinador com as outras funções da equipe como primordial nos dias atuais para o futebol profissional, porém como no futebol amador os treinadores não podem se dedicar exclusivamente a essa função, o acúmulo de cargos pode fazer com que ele se sobrecarregue e fique com dificuldades de lidar com a situação, visto que ele necessita trabalhar para sustentar seu lar.

Um ponto importante é que a grande maioria dos treinadores entrevistados faz seu trabalho por paixão ao clube em que sempre esteve envolvido. Todos eles gostam muito da atividade que realizam, pois ela leva a interação da comunidade em que a equipe está inserida e também a amizade que se forma entre os integrantes do time e da comunidade. Um dos entrevistados traduz toda essa sensação que surge dessa interação na frase *“é como o vício da cachaça, tem que ter toda semana, senão sente falta”*.

Luckesi (2005) diz que o educador (treinador) tem que possuir uma paixão pelo que faz, pois esta paixão vai motivá-lo a continuar seu trabalho e melhorar seu desempenho na função e relação com seus alunos (atletas) e isso é bem observado nos treinadores de futebol amador, que estão nessa função por realmente gostarem do trabalho que realizam, tornando-o mais agradável.

Todos os treinadores entrevistados iniciaram sua carreira no futebol amador sendo convidados pelos representantes da equipe para assumir o cargo que estava pendente no time, a maioria por sua conhecida experiência dentro do próprio futebol amador como jogador ou por sua amizade e dedicação em auxiliar o clube da comunidade. Isso reproduz o mesmo que ocorre no futebol profissional, onde a maioria dos treinadores que surgem são

ex-atletas e agora se arriscam na função com o conhecimento adquirido durante sua trajetória como jogador.

Apenas um treinador entrevistado teve experiência de jogar o futebol profissional antes de começar a atuar no cargo. Ele coloca que essa experiência lhe deu uma visão diferente de como tratar o futebol e como se deve agir com os atletas que tem em sua equipe, conseguindo ter um diferencial dos demais treinadores. A experiência de jogar o futebol profissionalmente ajuda na formulação do sistema de jogo utilizado e na forma de se dirigir aos jogadores, além do mais, isso ajuda o treinador a adquirir respeito diante da equipe, pois sua experiência é maior do que a dos demais.

Praticamente todos os treinadores entrevistados atuam na área a mais de seis anos e somente um dos entrevistados está iniciando sua carreira este ano. Por esse motivo ele sente um pouco de dificuldade em lidar com algumas situações que acontecem durante os jogos.

Todos os demais treinadores relatam que a experiência adquirida como treinador ao longo dos anos contribuiu para avançar seus conhecimentos e não cometer erros básicos da profissão. Com o tempo o treinador vai avançando seus conhecimentos e sua percepção sobre o jogo, melhora sua leitura do que está acontecendo em campo, melhorando seu desempenho contribuindo diretamente para melhoria da equipe.

A maioria dos treinadores conta com sua experiência como jogador de futebol amador ou profissional e com o conhecimento adquirido observando os jogos de equipes profissionais pela televisão para basear seus sistemas de jogo. Somente um dos treinadores buscou conhecimento científico para auxiliar na elaboração de seu sistema de jogo, valorizando bastante o posicionamento e a movimentação de cada jogador dentro de campo durante a partida. Podemos identificar seu diferencial diante os outros pelos resultados obtidos na sua carreira. Após participar de cinco competições de primeira divisão municipal, conseguiu dois títulos e um vice-campeonato.

Além disso, alguns treinadores procuram por algum conhecimento na internet, entretanto essas pesquisas realizadas não são direcionadas para ter um real impacto no conhecimento científico do treinador, sendo assim, posso deduzir que elas servem para auxiliar no esclarecimento de dúvidas que surjam

durante os jogos ou observações realizadas das outras equipes ou clubes profissionais de futebol.

Esta falta de conhecimento científico retrata justamente as divisões do conhecimento do treinador propostas por Rosado e Mesquita (2009), que coloca o conhecimento do treinador em duas partes, a arte prática e a ciência aplicada. Podemos ver que praticamente todos os treinadores entrevistados possuem o conhecimento da arte prática, porém somente um se preparou e adquiriu o conhecimento da ciência aplicada. Como esses dois conhecimentos são primordiais para uma melhor atuação do treinador no comando de sua equipe, podemos observar que o futebol amador sofre do mesmo que o futebol profissional, a decorrente falta de conhecimento científico dos seus treinadores que, se estivessem se preparando, aumentariam o desempenho da equipe em campo.

4.2. Condução da equipe no decorrer dos jogos

Nessa parte da análise é possível verificar as diferentes concepções que cada treinador possui de como posicionar sua equipe dentro de campo. Os treinadores que apresentam um grau de conhecimento maior possuem uma forma singular de comandar sua equipe. Entretanto é possível visualizar as qualidades que os treinadores tem em comum.

Todos os treinadores entrevistados conversam com seus atletas antes das partidas no vestiário, para passar as indicações de como eles devem entrar em campo. Nessas conversas, o treinador procura avaliar seu elenco e perceber os jogadores que estão mais concentrados e os que estão nervosos, para agir em conversas paralelas e tranquilizar toda a equipe para a partida. Com essa atitude os treinadores conseguem promover uma facilidade no entendimento por parte dos atletas de suas instruções.

Praticamente todos os treinadores utilizam o esquema 4-4-2 com suas equipes. Esse esquema é formado por três linhas de jogadores. Na primeira linha mais defensiva jogam o lateral direito, dois zagueiros e o lateral esquerdo. Na segunda linha centralizada no campo jogam dois volantes e dois meias. Na terceira linha que é a mais avançada no campo do adversário jogam os dois

atacantes. O que diferencia um esquema do outro é a forma com que os jogadores vão se posicionar e movimentar dentro de campo. Cada treinador possui uma forma de jogar e variar seus atletas, podendo jogar mais pelas laterais com a equipe bem distribuída em campo ou com toques rápidos pelo meio campo para chegar à meta adversária.

A maioria dos treinadores cobra que os seus atletas entrem em campo motivados a atuar, que joguem com muita vontade ou como alguns colocam, com muita garra. Eles dizem isso, pois acreditam que a vontade afeta diretamente no desempenho da equipe. Outro aspecto que eles cobram é a chamada “pegada” no meio campo, ou seja, eles querem que os jogadores que atuam pela área central do campo realizem a marcação de seus adversários de perto, sem dar espaço para o domínio da bola e criação de jogadas, forçando o outro a cometer um erro e com isso recuperar a posse de bola. Essa característica está presente em todos os clubes do futebol amador, pois a força muitas vezes se sobressai a capacidade técnica dos jogadores.

Os treinadores em sua maioria pedem aos jogadores para entrarem em campo com cautela e tranquilidade, sem afobação, pois isso pode gerar erros de marcação e possibilitar à equipe adversária a criação de jogadas que resultem em gols. Esses treinadores cobram principalmente dos jogadores mais experientes essa tranquilidade em campo, pois eles geralmente são respeitados por todo o grupo e possuem um vasto conhecimento de como é a dinâmica do jogo. Essa mesma cobrança com os jogadores mais experientes também é realizada nos clubes profissionais, onde geralmente esses atletas são chamados para as entrevistas coletivas e são os capitães das equipes.

Todos os treinadores observam como a equipe adversária se coloca em campo para passar indicações para seus atletas. Essas indicações servem para ajustar o esquema de seu time ao do adversário. Geralmente essas mudanças servem para neutralizar os principais jogadores do outro clube ou achar falhas nos esquemas da outra equipe e tirar proveito disso para obter a vitória. Essa leitura de jogo é essencial para os treinadores, pois dependendo da capacidade de leitura de jogo do treinador, ele consegue passar as informações rapidamente para o seu time e assim obtém uma vantagem em relação ao outro treinador.

Há outras características relatadas nas entrevistas que são próprias de cada treinador, pois esse possui um modo de conduzir a equipe diferente dos demais. Entre elas existem ainda algumas que são compartilhadas por dois ou três treinadores, como valorizar a posse de bola, sem acelerar o jogo e esperar o momento certo para tentar criar uma jogada efetiva, com isso, eles pedem para os atletas passarem a bola para os zagueiros do time (prática pouco utilizada no futebol amador), mantendo a posse de bola tanto no ataque quanto na defesa. Outra característica compartilhada é deixar os jogadores com maior habilidade à vontade para tentarem criar jogadas individuais, pois esses atletas que são mais técnicos conseguem abrir a defesa adversária e realizam jogadas que resultam em gols para a equipe. Uma última característica que alguns treinadores tem em comum é a cobrança com o sistema defensivo, para não errar na saída de bola, ordenando que em qualquer situação perigosa, eles devem chutar a bola em direção ao ataque ou a lateral do campo. Eles alegam que um erro na saída de bola no campo defensivo pode resultar numa chance de gol para a outra equipe e que o jogo pode ficar feio de assistir, todavia ganha o jogo o time que não sofrer gols e sim a que conseguir marcar.

Outras características individuais de alguns treinadores são interessantes de relatar, como:

- Não falar palavrões durante as partidas, pois os espectadores não precisam ficar escutando esse tipo de palavras de baixo calão.
- A cobrança pela comunicação dentro de campo dos jogadores para se orientarem, principalmente o goleiro, pois este possui uma visão privilegiada do jogo.
- O estilo de jogo em casa e fora de casa. Marcação pressão no campo adversário em jogos em casa, pois num clube em que a torcida sempre está presente é um fator diferencial e a marcação no campo defensivo em jogos fora de casa, sendo assim, garantindo bons resultados em casa é possível obter uma classificação boa na competição.
- Por último, uma frase muito usada por um treinador entrevistado durante sua conversa no vestiário com os jogadores. “*Só faz falta quem chega atrasado na jogada*”. Usando isso de referência para cobrar de seus atletas atenção a todo o momento e sempre observar a movimentação e o posicionamento dos jogadores adversários, para não ceder espaço.

Sem fazer faltas desnecessárias perto da área, que são ótimas oportunidades de gol para a equipe adversária.

4.3. O envolvimento dos treinadores no dia-a-dia dos atletas.

Neste tópico observamos como os treinadores mantêm o contato com os demais integrantes da equipe durante os dias da semana, visto que os jogos do futebol amador são realizados aos sábados e domingo e as equipes não disponibilizam de tempo para a realização de treinos durante a semana. Outro ponto observado é a relação treinador-jogador.

Um dos treinadores faz uma colocação que vemos como de suma importância para a formação de uma equipe. Ele diz que o time precisa ser um grupo unido, onde todos se ajudam e não somente um local para jogar futebol. Ele fala o seguinte *“uma laranja podre pode estragar todas”*. Ou seja, se a equipe não estiver totalmente unida para a competição e um jogador causar discórdia entre os demais, isso afetará diretamente o desempenho da equipe dentro de campo. Observamos que se um time não está unido, o treinador não consegue realizar seu trabalho com precisão, pois ele não terá respaldo em campo das suas instruções passadas aos jogadores, sendo assim, um bom relacionamento do treinador com todos os integrantes da equipe e os próprios jogadores entre si é fundamental para um melhor desempenho da equipe na competição.

Todos os treinadores alegam que os seus atletas gostam deles como pessoa e treinador. Pelo que podemos perceber, sua relação pode ficar um pouco conturbada por causa de resultados de jogos e como o treinador se dirige aos seus atletas durante as partidas, mesmo assim os jogadores sabem separar o que ocorre dentro de campo com sua relação fora dele. Visto que uma prática muito familiar nos jogos de futebol amador é após uma partida, todos, tanto o time da casa como o adversário, realizar uma confraternização para conversar e interagir.

Os treinadores afirmam que a relação entre eles e jogadores sendo agradável, aumenta o respeito entre as partes e a confiança da equipe no treinador, tornando mais fácil a aceitação das instruções passadas pelo treinador aos jogadores durante as partidas. Se o treinador não possui o

respeito da sua equipe, eles acabam se voltando contra ele, que não conseguirá mais realizar suas atividades com máxima performance.

A maioria dos treinadores tem uma relação aberta com os jogadores quando diz respeito ao esquema tático que a equipe está jogando. Eles deixam os atletas exporem sua opinião sobre os jogos e como o time está se portando em campo, escutando bastante os jogadores mais experientes e usam tudo isso que lhe é passado para auxiliar na melhoria da equipe num todo, tanto no sistema de jogo, como o modo que se deve dirigir aos jogadores. Isso dá poder ao treinador cobrar da equipe que se faça em campo o que ele instrui antes dos jogos, pois muitas vezes as ideias expostas são dos próprios jogadores. Além do mais, esse tipo de relação aumenta a confiança dos jogadores no treinador e vice-versa.

A grande maioria dos treinadores telefona durante a semana para seus jogadores no intuito de avisar onde será o próximo jogo, como eles irão se reunir para realizar o deslocamento até o local da partida, aproveitando esse momento para conversar com cada atleta, perguntando como ele está, se tem algum problema que possa atrapalhar no momento do jogo. Os treinadores sempre solicitam sinceridade por parte dos jogadores, para que possa confiar neles em relação a sua situação atual, assim, quando estiverem se preparando para entrar em campo, não ocorrerá nenhuma surpresa que prejudique o desempenho da equipe, como algum jogador estar com dores musculares ou não poder ir a partida por algum motivo maior. Essa conversa muitas vezes auxilia o jogador a se preparar psicologicamente para a partida, se concentrando durante a semana para obter um melhor desempenho.

Alguns treinadores possuem características em comum, porém essas são compartilhadas somente por dois ou três deles. Entre essas características posso destacar o alerta que eles fazem aos seus jogadores para se cuidarem durante a semana e não terem lesões que possam tirá-los do campeonato ou de alguma partida. Principalmente nos jogos entre amigos, pois são nesses jogos disputados por diversão que os atletas relaxam e acabam se lesionando. Um atleta lesionado no futebol amador tem muitas dificuldades de se reabilitar rapidamente a jogar, pois não possui muitos recursos e não pode parar de trabalhar para tratar de sua lesão, porque precisam se sustentar.

Outro ponto importante é a cobrança por parte dos treinadores, para que os atletas se preparem durante a semana para os jogos, correndo, jogando futebol, fazendo musculação, realizando alguma atividade física para obter um melhor preparo físico. Como os atletas e treinadores trabalham durante a semana para se sustentar, não há a possibilidade da realização de treinos para conseguir suprir alguma deficiência no preparo físico, técnico e tático deles. Logo essas indicações passadas aos jogadores servem para melhorar um pouco seu desempenho durante as partidas e deixar eles mais preparados.

Alguns treinadores ainda realizam uma cobrança maior dos atletas com maior habilidade, exigindo que eles tenham uma melhor condição e que chamem o jogo para si, realizando a criação de jogadas e motivando o time todo para a partida.

Cada treinador ainda possui suas características singulares. Entre elas, há algumas que podemos destacar:

- Cobrar que os jogadores não saiam para festas nas vésperas de jogos.
- Observar os jogos das equipes adversárias para montar esquemas táticos direcionados, melhorando o desempenho da sua equipe.
- Realizar a tradicional reza no vestiário sem gritar. Não precisa gritar para receber a benção.
- Marcar reuniões durante a semana para tomar cerveja e conversar sobre a equipe com os jogadores.

As características comuns entre os treinadores nos mostram um perfil de conduta semelhante, porém as características individuais mostram a diferença entre a forma de pensar deles e colocam em prova o desempenho da equipe nas partidas partindo do princípio das suas diferenças. A diferença entre os treinadores é visível na forma em que cada equipe atua dentro de campo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após ter em mãos as informações das entrevistas sintetizadas, podemos verificar que surge um perfil de conduta dos treinadores de futebol amador da primeira divisão de Florianópolis:

- Podemos identificar que todos os entrevistados realizam seu trabalho como treinadores com muita paixão, pois não recebem remuneração para isso e ainda disponibilizam seu tempo para conversar com os jogadores durante a semana. Sem contar que a maioria dos treinadores auxilia na arrecadação de fundos para o clube, ajudando-o a se manter, sendo assim, verificamos que o grau de dedicação dos treinadores de futebol amador da primeira divisão de Florianópolis ao seu cargo é praticamente total, em relação ao tempo que eles dispõem para a realização do mesmo.
- Todos os treinadores conversam com seus jogadores antes das partidas para passar as indicações sobre o jogo, a maioria deles entra em campo no esquema tático 4-4-2. Eles observam o time adversário para dar novas instruções ao seu grupo, muitas vezes berrando à beira do campo para que seus atletas consigam entender as instruções. A grande maioria pede aos atletas para entrar em campo com tranquilidade, sem afobação, muita vontade de jogar futebol e ter uma marcação forte no meio de campo sem dar espaços ao adversário. Com isso podemos verificar o perfil de conduta dos treinadores da primeira divisão do futebol amador de Florianópolis em campo, como postam sua equipe e quais indicações passam aos jogadores.

- Depois da análise das entrevistas, podemos verificar como os treinadores conduzem sua equipe fora de campo, no dia-a-dia dos seus integrantes. Eles sempre conversam com seus jogadores pelo telefone, ou meios de comunicação da internet (Orkut, Msn) para dar algumas indicações de como devem se comportar e o que podem fazer para melhorar sua performance nos jogos. A maioria conta com a opinião dos jogadores para melhoria no sistema de jogo e possui uma ótima relação com os atletas, aumentando o respeito entre ambas as partes e contribuindo para o desempenho da equipe.

Este trabalho conseguiu atingir seus objetivos, mostrando um perfil de conduta dos treinadores da primeira divisão do futebol amador de Florianópolis. Tendo em vista as respostas alcançadas, podemos dizer que a pesquisa pode contribuir para preencher uma lacuna na literatura sobre o assunto abordado e que posso realizar uma indicação aos treinadores, que seria o aumento do seu grau de conhecimento científico que se aliado ao conhecimento que eles já possuem por sua prática no esporte, poderá melhorar seu comando e a formulação do sistema de jogo da equipe.

Deixamos como indicação a trabalhos futuros, que se verifique o caso que acontece no futebol amador de Florianópolis, a remuneração de atletas, que foi citado na pesquisa, mas não abordado com profundidade, pois não era o foco do trabalho.

Outro ponto verificado durante as entrevistas foi o caso de atletas que jogam em clubes de comunidades onde não residem, tirando o espaço de pessoas da comunidade no clube, porém formando uma integração entre comunidades. Esse assunto é muito relevante e poderia ser pesquisado com profundidade, para verificar o que as comunidades falam sobre ele.

Podemos dizer que foi muito satisfatório realizar esta pesquisa, pois com as entrevistas consegui ver como os treinadores agem, observamos eles durante as partidas e conheci o lado prático abordado pela literatura, conseguindo entender e aumentar meu conhecimento sobre o assunto.

Com tudo isso, demos nossa contribuição para o aumento do conhecimento e o desenvolvimento do futebol amador em Florianópolis.

6. REFERÊNCIAS

AIDAR, Antônio Carlos Kfourir; LEONCINI, Marvio Pereira; OLIVEIRA, João José de. **A Nova Gestão do Futebol**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. O futebol nas fábricas. **Revista USP**, São Paulo, Dossiê do Futebol, n. 22, p.102-109, ago. 1994.

CALDAS, Waldenyr. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. **Revista USP**. São Paulo, Dossiê do Futebol, n. 22, p.40-49, ago. 1994.

COUTINHO, Cesar. **Treinador ou gestor?...Operfil do treinador do futuro**. Disponível em: <<http://www.bolamarela.com/pt/cronicas.php?ref=8>> Acesso em: 03 mar. 2011.

DAOLIO, Jocimar. As contradições do futebol brasileiro. **Revista Eletrônica Educação Física y Desportes**, internet, v. 10, p. ., 1998.

DARIO, Rubem. **Qual o perfil do novo treinador de futebol?:** Exigências para este profissional estão mudando de acordo com a profissionalização do esporte. Disponível em: <<http://www.universidadedofutebol.com.br/2008/02/1,492,QUAL+O+PERFIL+D+O+NOVO+TECNICO+DE+FUTEBOL.aspx?p=1>>. Acesso em: 03 mar. 2011.

LIFF. **História e dados de competições**. Disponível em : <<http://www.liff.com.br/>>. Acesso em: 03 mar. 2011.

GLULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol:** dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOLDEMBERG, Mírian. **A arte de pesquisa**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas: Átomo e Alínea, 2007.

GRAÇA, Amândio. O papel do treinador no ensino do jogo: uma reflexão sobre prática e os modelos de instrução. In: IV CONGRESSO IBÉRICO DE BALONCESTO, Cáceres, nov. 2007.

GRAÇA, Amândio. Os comos e os quandos no ensino dos jogos desportivos coletivos. In: GRAÇA, A; OLIVEIRA, J. **O ensino dos jogos desportivos**. 3. ed. Santa Maria da Feira: Fcdef-up, 1998, p.27-34.

HODGES, Nicola J.; FRANKS, Ian M.. Modelling coaching practice: the role of instructions and demonstration. **Journal of Sports Sciences**, p.793-811, out. 2002.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

LEITÃO, Rodrigo. **O perfil do treinador no futebol moderno de alto nível**: Exigências do futebol moderno mudaram o perfil deste profissional. 2008. Disponível em: <http://www.universidadedofutebol.com.br/2008/02/1,493,O+PERFIL+DO+TREINADOR+NO+FUTEBOL+MODERNO+DE+ALTO+NIVEL.aspx?p=1> Acesso em: 03 mar. 2011.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Epu, 1986.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez Editora, 2005. pag.115-117

MEDINA, João Paulo S. **A evolução do futebol e o talento esportivo**. Disponível em: <<http://blogdomedina.com.br/>>. Acesso em: 03 ago. 2010

OURIQUES, Nilso. **A miséria do esporte**: reflexões sobre as políticas públicas em Santa Catarina. Florianópolis: Insular, 2010.

PEREZ, Humberto. **Treinador de Futebol**: estudo sobre a formação e exercício da profissão em Argentina, Bélgica, Chile, Espanha, França, Inglaterra, Itália, Portugal, Suíça e Brasil. 2009. Disponível em: <www.altorendimento.net>. Acesso em: 03 mar. 2011.

ROSADO, A.; MESQUITA, I.. Moidelos, concepções e estratégias. **Editorial y centro de formacion alto rendimento**. CD Colecion congresos, n.9, 2009.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, Macumba e Futebol.** São Paulo: Perspectiva/EdUSP; Campinas: EdUEC, 1993.

TOBAR, Federico; YALOUR, Margot Romano. **Como fazer teses em saúde pública.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Bases teórica-metodológicas da Pesquisa Qualitativa em ciências sociais. **Cadernos de Pesquisa Ritter dos Reis**, Porto Alegre, v. 4, nov. 2001.

7. APÊNDICE

ENTREVISTA 1

Futebol Amador

1) Como começou a interagir/participar do futebol amador?

R: Desde pequeno jogava futebol, após perceber que tinha um talento para o esporte fiz testes para jogar no Figueirense e comecei uma carreira como profissional. Joguei em mais alguns clubes profissionais e quando resolvi parar de jogar profissionalmente, comecei a jogar no futebol amador.

2) Quanto tempo trabalha com futebol amador?

R: Já trabalho diretamente com o futebol amador desde 2005, quando iniciei minha carreira como treinador de um clube em biguaçu.

3) Quais as atribuições que já foram recebidas dentro do futebol amador?

R: No futebol amador trabalhei somente como treinador, não me envolve com outras funções dos clubes.

Treinador

4) Porque você resolveu ser treinador de futebol amador?

R: Sempre gostei de futebol e de trabalhar com a parte tática e técnica do esporte, isso era uma parte do futebol que desde quando jogava lhe fascinara. Também gosto de lidar com jogadores e pessoas em geral, sempre fui bastante comunicativo. Quando me convidaram a ser treinador, gostei da idéia e percebi que tinha um dom para falar com os atletas nas conversas anteriores e posteriores aos jogos.

5) Quanto tempo é treinador de futebol amador?

R:Sou treinador desde 2005 quando comecei a treinar uma equipe de biguaçu, de lá para cá são dois títulos e um vice-campeonato.

6) Gosta do que faz ou faz por obrigação?

R: Gosto muito do futebol e do que faço como treinador. Mas vejo essa como uma profissão a seguir, vou buscar uma oportunidade para treinar um time profissional ou uma categoria de base do Figueirense ou Avaí.

7) Conhecimento científico das noções do treinador ou somente experiência própria?

R:Muito importante a parte científica no futebol, pois hoje em dia não ganha mais jogo tanto no profissional quanto no amador se não tiver conhecimento tático. Procuro sempre me atualizar, faço cursos para técnico de futebol. Não conto somente com a minha experiência, me capacitei para ser treinador. Leio jornal, vejo programas televisivos sobre análise de jogos. O que me surpreende mais é o posicionamento do atleta em campo, não conta só o esquema, 4-4-2, 3-5-2, mas sim como os jogadores se movimentam em campo. Posso jogar em 4-4-2 com os laterais presos e os volantes avançando ou jogar em 4-4-2 com um volante preso e deixar os laterais soltos. A movimentação e posicionamento dos jogadores são muito importante. Leitura de jogo é muito importante, ver como a outra equipe está em campo. Procuro saber como meus adversários jogam para poder saber como lidar com eles. Já ganhei muitos jogos no "giz" como se fala. Gosto de manter a posse de bola.

Conduta/Perfil

8) Como conduz sua equipe dentro de campo?

R: Geralmente posto minha equipe em duas linhas de 4 defensivas no meu campo não deixando o adversário entrar no meu campo. Deixo a outra equipe gostar do jogo e aproveito os meus meias e atacantes que são rápidos para ganhar no contra-ataque, porem dependendo como a equipe adversária reage, eu posso mudar o sistema de jogo.

9) Como conduz sua equipe fora do campo?

R: Sempre falo para meus atletas terem calma e posse de bola, no amador os zagueiros não costumam participar do jogo, mas o meu time tem posse de bola na defesa, para não sair dando bago e sim trabalhando a bola e encontrando o espaço na hora certa. Sempre peço posse de bola. Levo minha prancheta para mostrar aos jogadores como quero que eles se posicionem, pois as vezes falando alguns jogadores não assimilam e visualizando eu tenho certeza que todos sabem o que eu quero que eles façam e reproduzem em campo.

10) Como é sua relação com os atletas?

R: Os atletas gostam de mim como treinador e eu gosto deles. No futebol para ganhar um campeonato não basta ter a melhor equipe tecnicamente, mas sim ter um grupo fechado, pois uma laranja podre pode estragar as outras, mas quando todos estão junto desde o goleiro até o camisa 18, aí sim você pode vencer.

11) Como você acha que seus atletas o vêem?

R: Em unanimidade eles gostam de mim.

12) Quais as indicações que você passa para o comportamento dos seus atletas em campo?

R: Peço sempre para eles se cuidarem para não se machucar e manter o físico em dia, porque o físico é muito importante. Falo para não saírem para a balada na véspera de um jogo, porque atrapalha o desempenho no dia seguinte e atrapalha o grupo todo. O importante é não prejudicar o grupo, se um faz algo errado, o grupo sai prejudicado e não o time. Sempre passo para eles que somos um grupo e não podemos prejudicar o grupo com manobras erradas. Sempre manterem a forma se cuidarem. Jogar suíço para manter o físico, não se machucar.

13) Você costuma conversar somente com o grupo inteiro ou conversa com cada atleta separadamente?

R: Conversa com todos durante a semana via telefone, Orkut, MSN, hoje em dia tem muitas formas de comunicação e eu procuro utilizá-las para conversar com os atletas e dar indicações. E antes do jogo falo com o grupo todo no vestiário.

ENTREVISTA 2

Futebol Amador:

1) Como começou a interagir/participar do futebol amador?

R: Desde pequeno jogo futebol e estive sempre perto do clube jogando e ajudando quando preciso. Meu pai foi presidente do clube há +- 20 anos, então sempre interagi com o clube.

2) Quanto tempo trabalha com futebol amador?

R: Há 39, pois como falei sempre estive perto do clube ajudando em alguma coisa.

3) Quais as atribuições que já foram recebidas dentro do futebol amador?

R: Treinador e jogador

Treinador:

4) Porque você resolveu ser treinador de futebol amador?

R: Me convidaram para ser treinador por causa da minha experiência como jogador. Passei no teste para jogar no Avaí e de lá fiz testa para o Figueirense, pois tinha uma estrutura melhor. Fiquei 4 anos no Figueirense e quebrei a perna. O clube me dispensou por causa disso e assim comecei a jogar no futebol amador. Há mais ou menos 5 anos pela minha experiência e pelos os outros gostarem de mim como jogador e pessoa, me convidaram a ser treinador de futebol amador. Sempre valorizei a comunidade, já me convidaram para treinar outras equipes, mas se a minha equipe precisa de treinador eu estou sempre lá.

5) Quanto tempo é treinador de futebol amador?

R: Comecei faz mais ou menos 5 anos.

6) Gosta do que faz ou faz por obrigação?

R: Gosto mesmo, é uma paixão para mim. Poucas pessoas estão no futebol amador porque ganham a maioria está ali por paixão por aquilo. Tenho duas filhas de 14 anos que querem jogar futebol e estamos correndo atrás para montar um time feminino na equipe, e vou fazer isso por paixão, não porque vou ganhar alguma coisa.

7) Conhecimento científico das noções do treinador ou somente experiência própria?

R: Eu vou mais pela minha experiência como jogador e os anos que já tive como treinador. Não fiz cursos, só li algumas coisas na internet e vejo jogos dos profissionais. Mas ser treinador é difícil, pois a culpa sempre acaba no treinador quando o time não vai bem. Se alguma coisa não dá certo todos falam que é o treinador.

Conduta/Perfil

8) Como conduz sua equipe dentro de campo?

R: Sempre entro em campo no esquema 4-4-2 e dependendo como o outro time se porta agente muda alguma coisa ou manda marcar o jogador com mais habilidade na outra equipe. Não sou muito de falar em tático, o esquema é jogar futebol.

9) Como conduz sua equipe fora do campo?

R: Sempre assisto jogos das outras equipes para conhecer seus jogadores e como se portam em campo, assim fica mais fácil passar as instruções para meus atletas fora de campo.

10) Como é sua relação com os atletas?

R: Relação é meio conturbado, porque perdemos dois jogos no campeonato e a culpa sempre é do treinador, mas eles gostam de mim como pessoa e como a maioria dos jogadores é do bairro, as vezes agente marca alguma coisa na sede para conversar, mas nem todos vão porque trabalham e tal. Mas acho que está tudo bem.

11) Como você acha que seus atletas o vêem?

R: Não sei.

12) Quais as indicações que você passa para o comportamento dos seus atletas em campo?

R: Palavrão em campo não pode. Eu não deixo ninguém falar palavrão porque o publico que esta assistindo também não gosta de ouvir nomes feios e deixa o futebol mais feio. Palavrão serve para desestruturar o time. Peço que todos entrem em campo com muita garra e não importa o que esteja acontecendo ali eles tem que jogar futebol. Também peço para não levarem as namoradas pro campo porque aí ficam de gracinha com elas, mandando coraçãozinho e esquece-se de jogar futebol. No meu ultimo jogo o goleiro ficou de gracinha com a namorada que tava atrás do gol e levou um de bobeira. Isso não dá.

13) Você costuma conversar somente com o grupo inteiro ou conversa com cada atleta separadamente?

R: Falo mais com os mais próximos da minha casa, e quando marco alguma coisa na sede ou por telefone, mas as vezes não consigo conversar com todos, só avisar quando é jogo porque eles trabalham e não tem tempo de conversar. Antes do jogo tento falar com todos para motivá-los a jogar.

ENTREVISTA 3

Futebol Amador:

1) Como começou a interagir/participar do futebol amador?

R: Desde a infância eu participo do futebol amador, pois morava numa casa perto do campo do clube, assim desde criança já jogava no time e quando fiquei adulto joguei pelo time principal. O futebol amador sempre esteve presente na minha vida.

2) Quanto tempo trabalha com futebol amador?

R: Desde 1997, quando assumi como diretor no clube. Mas como disse anteriormente, desde pequeno já estou participando da equipe.

3) Quais as atribuições que já foram recebidas dentro do futebol amador?

R: Diretor do clube e treinador.

Treinador:

4) Porque você resolveu ser treinador de futebol amador?

R: Na verdade o futebol amador tem que ser feito com o amador, com treinador da comunidade. Gratuito. Quem vem de fora acaba não conhecendo a equipe que é formada por atletas da comunidade. Assim como eu sou da comunidade e o clube estava sem treinador e eu gosto muito da equipe, resolvi assumir a equipe PA não deixar o clube na mão.

5) Quanto tempo é treinador de futebol amador?

R: Desde 1997 quando me tornei diretor da equipe e ela também estava sem treinador, eu assumi para que a equipe participasse dos campeonatos, porém de lá para cá, todas as vezes que a equipe fica sem treinador eu assumo para não deixar ninguém na mão. Quando tem alguém para treinar eu fico só como diretor, porque fazer os dois é complicado.

6) Gosta do que faz ou faz por obrigação?

R: Gosta muito. Se não gostasse não estava fazendo, porque não ganho nada para estar lá, faço porque tenho vontade, é como o vício da cachaça, tem que ter toda semana, senão sente falta.

7) Conhecimento científico das noções do treinador ou somente experiência própria?

R: Meu conhecimento como treinador é da experiência adquirida desde a infância jogando futebol e vendo os jogos dos clubes profissionais. Nunca fiz cursos ou estudei por fora, no máximo fui a palestras de futebol. E minha experiência adquirida como treinador durante esses anos que assumi.

Conduta/Perfil

8) Como conduz sua equipe dentro de campo?

R: Sempre peço aos jogadores entrarem em campo com tranquilidade e cautela. Jogar fechado para não tomar gols. Não precisa ser agressivo no futebol, se jogar fechado e não tomar gols as oportunidades aparecem.

9) Como conduz sua equipe fora do campo?

R: Converso com os atletas durante a semana, ligo para cada um deles, aviso dos jogos e converso sobre o que pode melhorar e o que está bom. Falo algumas indicações quando preciso, como precisas malhar, ganhar um pouco de músculos, ou dá uma corridinha para agüentar mais dentro de campo.

10) Como é sua relação com os atletas?

R: Minha relação é ótima, pois os atletas gostam de mim e eu gosto dos atletas, nos damos muito bem e isso deixa melhor ainda a relação com o campo.

11) Como você acha que seus atletas o vêem?

R: Não sei responder.

12) Quais as indicações que você passa para o comportamento dos seus atletas em campo?

R: Eu falo para os atletas não procurarem confusão e que nos estamos no campeonato para ganhar, porem eu sempre entro no campeonato me preocupando em não ser rebaixado, depois disso vou para o campo querendo ganhar o titulo, porem não falo isso para meus atletas, pois iria desmotivá-los.

13) Você costuma conversar somente com o grupo inteiro ou conversa com cada atleta separadamente?

R: Antes do jogo falo com todos no vestiário, porem o tempo é muito curto, pois chegamos sempre uns 40 min antes do inicio da partida e tem coisas para arrumar no campo, assim a conversa no vestiário com o grupo inteiro é curta, logo utilizo os telefonemas durante a semana para dar as indicações atletas por atletas.

ENTREVISTA 4

Futebol Amador:

1) Como começou a participar do futebol amador?

R: Comecei a trabalhar numa lanchonete no bairro Itacorubi e o dono da lanchonete gostava de futebol e eu jogava futebol, bati uma bola e tal. Aí tinha o Paula Ramos que ficava nos fundos da lanchonete. Todo mundo que freqüentava, jogava, no Paula Ramos ia fazer lanche depois na lanchonete. Aí comecei a fazer uma amizade com o pessoal fui me identificando com o pessoal, aí me convidaram pra jogar uma bola, fui, fui gostando, fui ajudando, fui me interagindo com o pessoal do Paula Ramos, sempre faltava alguma coisa, sempre precisava de uma ajuda, aí como eu tinha ali a lanchonete que tinha muitos clientes aí uma vez eles me pediram para vender uma rifa, eu vendi quase 100 números ali para eles. Pra moto, eles ganhavam uma moto da Cesani, que era do norte da ilha. Eles dava uma moto pra cada clube e eu dava o dinheiro da moto aí eles tinham que vender uma rifa eu vendi a rifa e dali eu criei uma amizade eu criei um gosto e dali entrei no Paula Ramos.

2) Quanto tempo trabalha com futebol amador?

R: Eu tinha 24 anos quando comecei e agora estou com 35, então faz 11 anos que estou ligado ao futebol amador, desde 2000.

3) Quais as atribuições que já foram recebidas dentro do futebol amador?

R: Fui jogador, goleiro e depois passei para treinador, a partir de uma escolha do próprio grupo que eu também não estava querendo o time em si que conversou comigo e perguntou se eu não queria assumir.

Treinador:

4) Porque você resolveu ser treinador de futebol amador?

R: Além de eu não poder mais jogar por causa de um problema no joelho, mas eu sempre gosto de estar presente e ajudando a galera. Aí o Paula Ramos tinha um treinador que era o Fernando e ele não assumiu um devido compromisso com a galera, o campeonato foi chegando, foi se aproximando e não tinha um time pronto, aí o Gaúcho me convidou, ele, o André, o Guinho. O Pirica, pega de treinador, a galera toda lá é gente boa e tal. Foi aí que eu comecei de treinador, me arriscar como treinador.

5) Gosta do que faz ou faz por obrigação?

R: É porque eu gosto, eu gosto de estar no meio do futebol amador. Já que eu não posso estar como jogador, pelo menos como treinador o cara se envolve, o cara consegue estar junto naquela emoção, naquela vibração ali.

6) Conhecimento científico das noções do treinador ou somente experiência própria?

R: No momento só o que eu aprendi jogando e o que eu vejo dos outros treinadores. Eu ainda não me direcionei de repente para estudar, para querer ser mesmo um treinador. É recente, que comecei faz 1 ano. Eu estou mais ainda como um hobby. Até fui convidado agora pelo Jurerê e estou com o Jurerê na 3ª divisão.

Conduta/Perfil

7) Como conduz sua equipe dentro de campo?

R: O time já sai de dentro do vestiário organizado. Eu deixo o time mais ou menos pronto dentro do vestiário e agente vê a forma que o time deles vai jogar. Se vem com 3 zagueiros se vem em 4-4-2, 3-5-2, aí agente prepara mais ou menos o time. Aí agente dá algumas orientações porque já conhece alguns jogadores do time adversário. Marca o fulano porque é mais rápido, o lateral não precisa apoiar tanto e agente fica dando as orientações ali fora, chamando um ou outro, dando um toque, dando uma orientação, gritando, chamando a atenção e tal.

8) Como conduz sua equipe fora do campo?

R: Sim, sim. Sempre, agente tá sempre falando por telefone. E agente durante a semana já prepara o jogador quando ele ganha um cartão amarelo, quando eu já tenho a intenção de colocar o rapaz que está no bando eu já digo para ele ir se preparando durante a semana que ele vai ser o titular durante o próximo jogo. Ligo para ele pra ir preparando para ele se preparar psicologicamente para o jogo. Nos intervalos agente conversa bastante para organizar a equipe. Eu gosto de ter uma relação mais próxima com eles.

9) Como é sua relação com os atletas?

R: Eu falo com todos no geral e eu sempre procuro dar uma dica para um ou outro, cobrar daquele que pode um pouco mais. Individualmente, pedir para que ele renda um pouco mais para o grupo. Aquele que tem uma qualidade maior, agente sempre puxa ele pra ele ser o pioneiro do time, a cabeça pensante do time, principalmente o pessoal do meio campo. Agente sempre direciona um ou dois, um zagueiro um meia e um atacante, tipo, tu és o homem gol, preciso de um gol teu hoje. Todo treinador tem uns 3 ou 4 jogadores que ele confia 100%.

10) Como você acha que seus atletas o vêem?

R: Os jogadores gostam do meu trabalho, agente leva o time como uma família, um ajudando o outro, um cobrando do outro, mais sempre muito unido até porque os jogadores são em maioria do bairro, um ou outro é de fora, então a galera é bem unida e acho que não devo ter problemas com os jogadores, senão também não estaria mais no comando do time.

11) Quais as indicações que você passa para o comportamento dos seus atletas em campo?

R: Cautela, eu sempre digo para eles terem cautela. Porque agente está jogando com um time adversário, agente está jogando com outro time. Eu digo sempre dentro do vestiário, agente está disputando uma partida de futebol, se ganha se perde ou se empata. Agente pode começar o jogo e tomar um gol, então mantém a calma porque o futebol tem 3 resultados e nem sempre vai nos agradar. Então se agente tomou o primeiro gol e agente já se jogar para a frente ou começar a querer ganhar de qualquer jeito agente não vai ter um resultado positivo. Então agente volta ao normal, bola no chão, com calma, tranquilidade, mas sempre com pegada, com a marcação certinha. Um termo que eu uso muito com eles, só faz falta quem chega atrasado. Então se agente jogar certinho não vai ter problemas com falta e nem com posicionamento dentro do campo. Sempre jogo mais na cautela, observando como o adversário joga primeiro.

12) Você costuma conversar somente com o grupo inteiro ou conversa com cada atleta separadamente?

R: numa preeleição antes do jogo eu sempre falo para o grupo inteiro, sempre procuro alguém dentro do meu grupo que renda mais, que a maioria sabe que joga tem mais respeito, sempre peço uma informação para o grupo. O fulano agente pode melhorar muito

ali, digo o nome da pessoa. E sempre exalto o time que agente está jogando como foi no Paula Ramos, que para falar do Paula Ramos fica mais fácil, porque agente já tem um carinho, um amor, então sempre pedia para que os atletas se voltassem pra a comunidade, para dedicar o título ou uma vitória para a comunidade, para o time do bairro e também para as suas famílias, para as pessoas que gostam dele, para as pessoas que ele ama, para o dia-a-dia, para um jornal. Agente tenta motivá-los para que eles saiam do vestiário com a intenção real que existe no jogo, com aquela vontade tremenda de vencer.

ENTREVISTA 5

Futebol Amador:

1) Como começou a interagir/participar do futebol amador?

R: Participo do futebol amador desde jovem, quando comei a jogar no clube. Depois de jogar continuei me envolvendo com a equipe, ajudando no que podia.

2) Quanto tempo trabalha com futebol amador?

R: Já trabalho com o futebol amador há mais ou menos 10 anos ajudando o clube da comunidade.

3) Quais as atribuições que já foram recebidas dentro do futebol amador?

R: Treinador e dirigente do clube.

Treinador:

4) Porque você resolveu ser treinador de futebol amador?

R: Me convidaram par assumir a equipe por que não tinha técnico e precisava de alguém para comandar. Daí em diante peguei gosto em ser técnico e comecei minha carreira no futebol amador.

5) Quanto tempo é treinador de futebol amador?

R: Sou treinador há mais de dez anos já.

6) Gosta do que faz ou faz por obrigação?

R: Eu gosto muito do que faço. Não ganho nada para estar ali e sinto muita vontade de continuar, pois isso me traz uma satisfação pessoal imensa.

7) Conhecimento científico das noções do treinador ou somente experiência própria?

R: Não tenho conhecimento científico do assunto, me baseio mais pelo que aprendi jogando durante um tempo e o que vejo na televisão e programas esportivos. Tenho também minha experiência como técnico, pois com o tempo agente vai aprendendo algumas manhas da profissão.

Conduta/Perfil

8) Como conduz sua equipe dentro de campo?

R: Eu sempre falo para a minha equipe não entrar na onda do adversário, jogar limpo e sempre fechado. Não adianta marcar em cima logo no começo do jogo, porque tem muito tempo pela frente e a equipe só iria se cansar. Gosto de jogar pelas laterais, por que o meio campo é sempre muito fechado e ainda mais no amador onde do nada tem três em cima estourando tudo. Na zaga não gosto de brincadeira, se apertar pode dar bago. Jogo bonito não ganha jogo e sim bola na rede.

9) Como conduz sua equipe fora do campo?

R: eu sempre falo com os meus atletas para se cuidarem porque o campeonato é um pouco longo e vou precisar de todos nos jogos. Converso por telefone e antes dos jogos dou uma palavra com os jogadores para deixá-los mais tranquilos pro jogo, não entrarem afobados nem com medo.

10) Como é sua relação com os atletas?

R: Eu tenho uma relação boa, mas eles sabem que dentro de campo berro com eles para fazerem o certo. Alguns acham que sou muito grosso, mas vejo que no campo tem que falar, senão o time pode desandar, aí já viu, um vacilo e leva o gol.

11) Como você acha que seus atletas o vêem?

R: Não sei responder.

12) Quais as indicações que você passa para o comportamento dos seus atletas em campo?

R: Eu falo para eles não se intimidarem com o adversário, pois se caírem na onda deles agente não joga bola. Sempre peço para os mais experientes conversarem com o time em campo e para os mais habilidosos irem pra cima do adversário sem medo. Agente sabe que numa jogada individual pode sair o gol. E sempre chegarem firme, não dar espaço para o adversário tocar a bola.

13) Você costuma conversar somente com o grupo inteiro ou conversa com cada atleta separadamente?

R: Sempre falo com todos do time por telefone, quando aviso dos jogos e pergunto como eles estão, se estão bem pro jogo, sempre peço para que eles sejam sinceros e não atrapalhar a equipe. Antes dos jogos dou as indicações no vestiário e falo que não precisa rezar alto, o santo ajuda rezando baixo também, pra não ficar aquela gritaria no vestiário, não gosto disso não.

ENTREVISTA 6

Futebol Amador:

1) Como começou a interagir/participar do futebol amador?

R: Jogo futebol desde criança, mas comecei a jogar futebol amador só depois dos 23 quando conheci o pessoal do time. Daí em diante sempre joguei minha bola nos finais de semana e sempre gostei muito disso. Depois comecei a ajudar o clube e a comunidade.

2) Quanto tempo trabalha com futebol amador?

R: trabalho desde que parei de jogar, mas na verdade quando jogava já ajudava nas funções do clube. Então desde que comecei a jogar ajudo nas tarefas do time.

3) Quais as atribuições que já foram recebidas dentro do futebol amador?

R: Treinador

Treinador:

4) Porque você resolveu ser treinador de futebol amador?

R: Quando parei de jogar, me convidaram para ser treinador, porque tinha uma experiência boa e sempre estava perto do time, aí conhecia o pessoal que jogava e ficava mais fácil para lidar com a situação.

5) Quanto tempo é treinador de futebol amador?

R: Sou treinador há 6 anos já.

6) Gosta do que faz ou faz por obrigação?

R: Estou aqui para ajudar o time, mas se não gostasse não estava. Gosto bastante deste ambiente dos jogos e falar com o pessoal depois dos jogos tomando uma gelada. Isso que me faz querer continuar.

7) Conhecimento científico das noções do treinador ou somente experiência própria?

R: Vou mais pelo que aprendi jogando. Já procurei algumas coisa na internet, mas uso mais o que aprendi em campo e fora dele.

Conduta/Perfil

8) Como conduz sua equipe dentro de campo?

R: Eu falo que em casa não pode perder. Se agente se esforçar para ganhar em casa com a ajuda da torcida, porque sempre falo para os jogadores levarem suas famílias no campo para ter bastante torcida. Se agente ganhar em casa agente se classifica no campeonato. Gosto do básico, 4-4-2 com 1 centroavante e um 10 solto no meio para fazer as jogadas. A marcação é pesada, sem dar espaço, mas sempre na bola, peço para sempre cuidar as faltas perto da área porque no amador tem bons cobradores de falta e isso é perigoso para a equipe.

9) Como conduz sua equipe fora do campo?

R: Eu converso com os atletas, agente sempre depois do jogo toma uma gelada e conversa sobre o jogo. Antes do jogo converso bastante com eles no vestiário e sempre cobro para não chegarem atrasados nos jogos, porque daí eu penso em botar um time e o cara não aparece, daí tenho que mudar e em cima da hora o cidadão vem e quer sair jogando, aí não posso tirar a camisa do outro. Cobro sempre o horário e garra, muita garra nos jogos.

10) Como é sua relação com os atletas?

R: Eu tenho uma boa relação, porque eles me obedecem e fazem o que peço, sempre tem um ou outro que querem opinar, mas aí agente conversa e vê se é bom ou não. Sempre falo com os mais experientes e pergunto a opinião deles, porque sozinho ninguém chega em lugar nenhum, as vezes eles vem algo que eu não vejo.

11) Como você acha que seus atletas o vêem?

R: Acho que eles gostam de mim, pelo menos não reclamam.

12) Quais as indicações que você passa para o comportamento dos seus atletas em campo?

R: Falo para jogar limpo, sem falta. Não precisa jogar sujo pra ganhar, se jogar direito agente chega na vitória. Falo sempre para eles jogarem futebol e não ter medo de jogar. se precisar dar bago na zaga dá, chutar no gol, porque quem não chuta não faz gol que é o objetivo do jogo né. Fazer gol pra ganhar.

13) Você costuma conversar somente com o grupo inteiro ou conversa com cada atleta separadamente?

R: Falo com o time no vestiário para rezar e dar as instruções para o jogo, falar quem é titular, como quero que jogue e motivar o time. Depois de ganhar uma de 4. O time tá confiante e isso eu gosto, daí os jogadores jogam mais bola. Sempre falo com os destaques dos times que preciso deles na partida e pra ele chamarem o jogo. Se começar perdendo falo pra não desanimar que agente sempre tem chance de virar.

ENTREVISTA 7

Futebol Amador:

1) Como começou a interagir/participar do futebol amador?

R: Comecei a participar do futebol amador há mais ou menos 8 anos, quando fui convidado por um amigo a ajudar na montagem de um time de amador, porque ele era o técnico e me pediu se conhecia alguém que jogava. Daí ajudei ele aquele ano e comecei a tomar gosto pela coisa.

2) Quanto tempo trabalha com futebol amador?

R: Desde que ajudei meu amigo, comecei a trabalhar com o futebol amador.

3) Quais as atribuições que já foram recebidas dentro do futebol amador?

R: Treinador e auxiliar.

Treinador:

4) Porque você resolveu ser treinador de futebol amador?

R: Vendo como funcionava o futebol e não somente pelo que eu via na TV, comecei a tomar gosto e a observar como as equipes se comportavam em campo, tanto no profissional como no amador e comecei a me interessar pela função.

5) Quanto tempo é treinador de futebol amador?

R: Sou treinador há 6. Comecei sendo treinador dos pequeninho, participando do Norte da Ilha e depois da Liga. Depois que fui para o adulto.

6) Gosta do que faz ou faz por obrigação?

R: Gosto muito do que faço. Não recebo nada para ser treinador e dão meu tempo para o esporte porque gosto muito. E isso é uma ação também com a comunidade em geral que prestigia os jogos.

7) Conhecimento científico das noções do treinador ou somente experiência própria?

R: Nunca fui bom jogador de futebol, sempre bati minha pelada, mas como treinador vi que tinha talento e era um hobby muito bom, me satisfaz. Procurei estudar um pouco durante esses anos, lendo algumas coisas na internet, mas nunca fiz curso ou fui a palestras sobre futebol. Vou pela minha experiência e pelo que vejo dos outros também

Conduta/Perfil

8) Como conduz sua equipe dentro de campo?

R: Gosto muito da parte motivacional, porque esse é um dos fatores que pode decidir um jogo. Sempre peço para a equipe não se afobar e cometer erros desnecessários e dou muitas indicações durante o jogo, para tentar corrigir algo que está errado ou suprir a necessidade de algum esquema que o adversário está utilizando. Gosto da equipe jogando como eu peço, geralmente jogo em 4-4-2 quadrado e dependendo de como a partida está mudo para losângulo. A equipe tem que ter paciência, porque qualquer deslize pode dar a chance pro adversário marcar e aí complica para o nosso lado.

9) Como conduz sua equipe fora do campo?

R: converso bastante com os atletas no vestiário antes do jogo para tentar motivá-los ao máximo para a partida. Depois do jogo agente sempre fala com os jogadores para saber o que eles acharam da partida e o que pode melhorar, não importando se foi vitória ou derrota, agente sempre conversa para tentar melhorar a equipe.

10) Como é sua relação com os atletas?

R: tenho uma relação aberta e muito boa, os jogadores gostam de mim do mesmo jeito que gosto deles. Sempre converso com eles e escuto o que tem a dizer.

11) Como você acha que seus atletas o vêem?

R: Não sei.

12) Quais as indicações que você passa para o comportamento dos seus atletas em campo?

R: O jogador tem que entrar em campo concentrado e esquecer o lado de fora, na hora do jogo é somente o jogo. Tem que ter garra, berrar em campo, jogo mudo é ruim de assisti e de jogar, porque se falar com os companheiros agente não depende só do que vê e sim o que os outros vêem também. Peço para o goleiro sempre orientar o time de trás e falo para os jogadores não se afobarem logo de cara. Jogar primeiro atrás e evitar o gol deles. Depois com o tempo da partida agente acerta e marca um para vencer.

13) Você costuma conversar somente com o grupo inteiro ou conversa com cada atleta separadamente?

R: Converso com todos antes e depois dos jogos para cada um expor sua opinião. Mas sempre tem um ou outro que chega mais ou menos na hora de jogar e tiro de canto pra saber o que aconteceu. Gosto de falar com cada um separadamente antes do jogo para motivá-lo.

ENTREVISTA 8

Futebol Amador:

1) Como começou a interagir/participar do futebol amador?

R: Joguei futebol desde pequeno no clube, que foi quando comecei a trabalhar com o futebol amador. Só fui jogador mesmo.

2) Quanto tempo trabalha com futebol amador?

R: Comecei esse ano, como treinador.

3) Quais as atribuições que já foram recebidas dentro do futebol amador?

R: Treinador

Treinador:

4) Porque você resolveu ser treinador de futebol amador?

R: Eu jogava no clube até ano passado. Esse ano o clube estava sem treinador e me convidaram para assumir o time. A única experiência que tenho como treinado, é que nos times de pelada de salão e sintético eu que costumo organizar os times.

5) Quanto tempo é treinador de futebol amador?

R: Desde março de 2011.

6) Gosta do que faz ou faz por obrigação?

R: Estou ajudando a equipe que precisa de mim e já simpatizava com a profissão. Como surgiu a oportunidade, resolvi aceitar.

7) Conhecimento científico das noções do treinador ou somente experiência própria?

R: Como disse antes, comecei esse ano. Conto com a minha experiência de jogador, mas venho me preparando, lendo alguns artigos na internet sobre sistemas e esquemas táticos e posicionamento de jogadores em campo. Também assisto alguns vídeos motivacionais para saber como falar com os atletas. Estou tentando me adaptar da melhor forma que consigo ao cargo.

Conduta/Perfil

8) Como conduz sua equipe dentro de campo?

R: Falo para o time valorizar bastante a posse de bola, que assim fica mais fácil para abrir os espaços na equipe adversária e realizar jogadas de gol. Nos jogos em casa, sempre faço a equipe marcar em cima, pressão para não dar espaço aos adversários. Como a nossa torcida sempre comparece aos jogos em casa em peso, é boa a marcação em pressão, pois o time adversário sente a torcida e erra mais facilmente. Em casa agente sempre joga para ganhar os três pontos. Fora de casa eu mando o time marcar atrás do meio campo, pois o empate é um resultado bom. Assim o time joga com mais calma. Em campo sempre falo bastante, acabo saindo sem voz dos jogos te tanto berrar com o time para tentar orientar as coisas. Como eu jogava sei que é difícil entender o que o treinador fala quando o jogo já está rolando.

9) Como conduz sua equipe fora do campo?

R: Converso com todos os atletas por telefone e MSN, eu acho que a conversa faz os atletas te respeitarem mais como treinador e deixa a equipe mais unida. Durante a semana eu pergunto se eles estão bem para a partida e aviso dos jogos. Antes dos jogos dou as orientações para cada um separadamente e depois par todos como equipe.

10) Como é sua relação com os atletas?

R: Atualmente a relação com os outros é boa. Eles que me escolheram para ser treinador e como jogava com muitos ano passado, eu já tenho uma relação boa com todos.

11) Como você acha que seus atletas o vêem?

R: Com certeza todos gostam de mim. Não tenho problemas com ninguém.

12) Quais as indicações que você passa para o comportamento dos seus atletas em campo?

R: Peço que eles vistam a camisa. Eles jogam na equipe e nós temos que vestir a camisa mesmo. Tem que jogar com muita garra, principalmente em casa, pois nossa torcida está acompanhando o jogo e não podemos nos deixar vencer. Falo para chagarem junto e botarem o pé na bola. Pé de ferro. Para os mais novos falo para se concentrarem na partida.

13) Você costuma conversar somente com o grupo inteiro ou conversa com cada atleta separadamente?

R: Como falei antes, converso com todos separadamente e depois com todos juntos.

ENTREVISTA 9

Futebol Amador:

1) Como começou a interagir/participar do futebol amador?

R: Comecei a participar do futebol amador, quando fui convidado para a diretoria de um clube, tendo em vista meus conhecimentos em administração.

2) Quanto tempo trabalha com futebol amador?

R: Trabalho no futebol amador há mais de 15 anos.

3) Quais as atribuições que já foram recebidas dentro do futebol amador?

R: Diretor e treinador

Treinador:

4) Porque você resolveu ser treinador de futebol amador?

R: Numa oportunidade onde o clube estava sem treinador, fui convidado a assumir o cargo pelos jogadores e diretoria. No começo fiquei em dúvida, pois esse é um cargo muito cobrado, porém consegui me adaptar bem e tomei gosto pela função.

5) Quanto tempo é treinador de futebol amador?

R: já faz 6 anos que sou treinador

6) Gosta do que faz ou faz por obrigação?

R: Como falei comecei meio na obrigação para ajudar o time, mas acabei gostando muito.

7) Conhecimento científico das noções do treinador ou somente experiência própria?

R: Não tenho nenhum conhecimento de estudo específico. Tento ler algumas coisas na internet e conto mais com a experiência que tive jogando futebol. também presto atenção nos jogos profissionais, porque sempre se aprende alguma coisa diferente observando esses jogos.

Conduta/Perfil

8) Como conduz sua equipe dentro de campo?

R: Como esse ano a equipe não está num nível muito alto, procuro começar os jogos sempre fechado, primeiro pensando em não levar gols. Como conto com alguns jogadores de habilidade no ataque, sempre digo para eles partirem para cima, uma horas o diferencial deles se sobressai a defesa e eles conseguem marcar. Sempre jogo em 4-4-2 básico, para não complicar, é o que meus jogadores estão acostumados, prefiro fazer o feijão com arroz.

9) Como conduz sua equipe fora do campo?

R: Falo com todos os jogadores, tentando ver como eles estão se sentindo. Quando tenho alguma duvida na escalação, olho para cada um dos jogadores e consigo ver se estão bem

para a partida ou não. Assim tiro minhas duvidas. Agente sempre tem a espinha do time, os outros nunca tenho certeza, espero para ver como eles estarão no dia.

10) Como é sua relação com os atletas?

R: minha relação é ótima, me preocupa bastante com eles e eles me respeitam, respeitam o que eu falo, aí fica mais fácil para trabalhar.

11) Como você acha que seus atletas o vêem?

R: acho que eles gostam de mim. Como converso bastante com eles, eles se abrem comigo e falam o que acham, isso ajuda a melhorar o desempenho da equipe.

12) Quais as indicações que você passa para o comportamento dos seus atletas em campo?

R: Falo para eles pressionarem o adversário, mas não se afobarem, se ir com tudo pra cima fica muito aberto para contra-ataques. Também falo para ter pegada no meio campo, se não chegar junto e SAR espaço, qualquer jogador com habilidade consegue se destacar, se não der espaço o time adversário fica sem jogar. Mas o que cobro mesmo é vontade, time sem vontade não ganha jogo, assisti o outro jogar.

13) Você costuma conversar somente com o grupo inteiro ou conversa com cada atleta separadamente?

R: Eu falo com todos os atletas junto antes dos jogos, para dar as indicações da partida, mas principalmente converso com aqueles que vou necessitar mais no jogo, separado, para passar confiança ao jogador. Se sei que o atacante do outro time é muito bom, converso com meu zagueiro, olha, não pode dar espaço pra ele, sem falhas, uma chance e ele acerta, eu to te colocando porque confio em ti, vai pro jogo. Ou algo do tipo.